

---

## "Salomar": a produção de um livro ficcional como atividade acadêmica<sup>1</sup>

Alessandra Oliveira ARAÚJO<sup>2</sup>  
Fernanda de Façanha e CAMPOS<sup>3</sup>  
Diego Henrique Oliveira PAIVA<sup>4</sup>  
Daniel Pereira VASCONCELOS<sup>5</sup>  
Universidade de Fortaleza, Fortaleza, CE

### RESUMO

O presente artigo descreve a atividade acadêmica de produção de contos ficcionais sobre a cidade de Fortaleza, bem como a concepção, projeto editorial e gráfico do livro "Salomar", realizado na disciplina Comunicação e Culturas Urbanas, ofertada pelo curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza, em 2020. Por meio da criação coletiva do personagem ficcional Salomar, selecionamos temáticas e conceitos trabalhados em sala de aula que tornaram-se os temas dos contos, sendo estes: estranhar, a cidade, invisibilidade, polifonia, narrar a cidade e arte urbana. Refletimos ainda sobre a narrativa como uma experiência formadora, a partir de Delory-Momberger (2012a; 2012b) e a deriva como uma forma de incorporação da cidade, segundo Jacques (2012). Por fim, discutimos a relevância da experiência para os objetivos da disciplina.

**PALAVRAS-CHAVE:** Salomar; cidade; literatura; experiência didática; comunicação.

### 1. INTRODUÇÃO

O livro "Salomar" surgiu de uma experiência acadêmica desenvolvida na disciplina de Comunicação e Culturas Urbanas, ofertada pelo curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza, no segundo semestre de 2020.

As aulas aconteciam em formato remoto e os estudantes eram oriundos, além do curso de Publicidade e Propaganda, do Jornalismo e da Arquitetura e Urbanismo. A proposta da produção do livro surgiu por parte da professora, num misto entre a

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza, e-mail: alessandraoliveira@unifor.br

<sup>3</sup> Doutoranda em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Universidade Federal de Juiz de Fora. A co-autora realizou esse trabalho após a conclusão do Mestrado em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na Universidade Federal do Ceará. E-mail: fernanda.facanha@estudante.ufjf.br.

<sup>4</sup> Professor do Curso de Publicidade e Propaganda da Universidade de Fortaleza, e-mail: diegopaiva@unifor.br

<sup>5</sup> Estudante do Curso de Comunicação Social: Publicidade e Propaganda da Universidade Federal do Ceará. E-mail: danielvasconcelos@alu.ufc.br

---

discussão sobre a cidade e a necessidade de pensar a rua como espaço de pesquisa e vivência. Assim, criamos coletivamente um personagem que nomeamos de Salomar. Os contos acontecem na Fortaleza após o período de isolamento social, ocasionado por um fenômeno misterioso que é o fio condutor que liga as histórias.

Estávamos vivenciando o período de pandemia da COVID-19, mas buscamos no realismo fantástico de Gabriel García Márquez (2014) a inspiração para falar de outra forma a experiência pela qual estávamos passando. Sendo assim, criamos histórias fictícias, mas que falavam de sentimentos latentes e tangíveis, como medo, solidão e esperança.

Uma narrativa paralela foi criada para interligar todos os contos, escrita por uma das organizadoras do livro, Alessandra Oliveira Araújo, professora da disciplina. Essa narrativa, que abre e fecha cada bloco, vai apresentando o personagem Salomar, explicando o fenômeno fictício da “Grande Maresia” e investigando suas causas, até trazer um desfecho para a história. A inspiração deste formato vem do livro "Cidades Invisíveis", de Ítalo Calvino (1990).

A experiência foi uma das atividades avaliativas da disciplina e cada conto aprofundava, por meio da invenção artística, conceitos que eram discutidos em sala como a polifonia, estranhar o familiar, arte urbana, visibilidade e invisibilidade cidadina, a heterogeneidade, a comunicação das ruas e dos muros, a potência da deriva, do caminhar lento e do perder-se urbano.

O projeto gráfico foi pensado pelo Labotipo - Laboratório de Experimentação em Tipografia e Design Editorial da Universidade de Fortaleza<sup>6</sup>. As formas gráficas utilizadas para abrir as sessões do livro resultam de um trabalho desenvolvido pelo orientador (PAIVA; BRAGA, 2016) de mapeamento dos ladrilhos hidráulicos, cobogós e desenhos das calçadas presentes em diferentes bairros de Fortaleza.

A intenção do trabalho foi a de repensar a cidade, reconstruir Fortaleza e fazer o leitor sentir o sabor de estar na rua, mesmo que usando a fantasia. Tudo era possível para Salomar: engolir prédios, desaparecer, reaparecer, partir, voltar, morrer, ressurgir. O livro "Salomar" é nosso desejo, é um manifesto para que tenhamos uma cidade dos encontros, das praças, do caminhar, da arte, das plantas e das pessoas.

---

<sup>6</sup> O Labotipo é um projeto de extensão da Universidade de Fortaleza voltado para a produção de projetos gráficos de livros e outros impressos. Entre suas produções temos livros acadêmicos, a revista portfólio do Curso de Publicidade e Propaganda e projetos de conclusão de curso.

---

Sendo assim, iremos descrever neste artigo a atividade de produção de um livro ficcional como processo de formação de si e de construção da cidade, discutiremos o potencial formador da narrativa, a construção do livro como incorporação do espaço urbano e como o projeto editorial e gráfico dialogam com os conceitos da disciplina. Por fim, apresentaremos o trabalho finalizado e seus desdobramentos.

## **2. A NARRATIVA COMO PROCESSO FORMADOR**

A construção do livro não foi planejada a priori. Inicialmente, pensamos em desenvolver uma experiência de campo, o que não foi possível devido a pandemia de COVID-19. Entre os objetivos da disciplina, estava analisar a relação entre a comunicação e o fenômeno urbano, perceber de forma crítica os processos de visibilidade e invisibilidade citadinos, explicar e experimentar as formas de narrar a cidade.

Mas como desenvolver esses objetivos num contexto de isolamento social? Buscamos uma outra forma de experienciar a cidade, o caminho seria o desejo de estar na rua, a construção de uma cidade fictícia. O trabalho propunha, assim, uma narrativa de memórias, invenções e projeções de futuro de uma Fortaleza que se tinha e que se desejava.

Para Josso (2004, p.48), é por meio da narrativa que podemos desenvolver um trabalho reflexivo que nos levará às nossas experiências formadoras, esse trabalho reflexivo levaria a “uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade e ideação” (JOSSO, 2004, p. 48), ou seja, é no momento da narrativa, para a autora, que criamos uma compreensão do que nos aconteceu e essa compreensão pode nos levar a um processo de formação de si.

Esse trabalho reflexivo que o sujeito faz de suas experiências tem, para Delory-Momberger (2012b), um caráter performativo, no sentido de ser uma compreensão e invenção de si e do seu mundo. Sobre o potencial da reflexão, Varela, Thompson e Rosch (2012, p.54) acrescentam:

O que sugerimos é uma transformação da natureza da reflexão de uma actividade abstrata e descorporalizada para uma reflexão corporalizada (atenta) ilimitada. Por corporalizada entendemos uma reflexão na qual o corpo e a mente são postos juntos. O que esta formulação pretende transmitir é que a reflexão não se exerce só sobre a experiência, mas

---

que reflexão é ela própria uma forma de experiência. (VARELA; THOMPSON; ROSCH, 2012, p. 54)

Nessa perspectiva, ao fazer um trabalho reflexivo sobre a cidade, a partir dos autores discutidos na disciplina, das experiências vivenciadas pelo grupo e de um futuro a ser construído, os estudantes estavam refletindo e incorporando as questões trabalhadas na disciplina em suas histórias de vida e, assim esperávamos ao final da experiência, na forma de vivenciar a cidade após o período de isolamento.

A construção de um livro coletivo, que usaria o conto e a ficção como uma forma de aprofundamento de conceitos e contextos, foi uma experiência desafiante. A organização do livro, a construção coletiva do personagem, o estudo dos conceitos e o próprio processo de escrita exigiu um trabalho minucioso de toda a equipe e sobretudo das organizadoras do livro.

Durante as aulas, primeiro foi definido que os contos dialogassem entre si, por este motivo, todos seriam escritos a partir do ponto de vista de Salomar.

O nome do livro foi escolhido coletivamente, propunha a fusão dos termos “sal” e “mar”. Para definir as características do personagem, utilizamos a ideia de errância, desenvolvida por Jacques (2012) a partir de três características principais: a deriva, a lentidão e a corporeidade. Para a autora, errar pela cidade é permitir-se estar perdido, desviar os caminhos, buscar a desterritorialização para possibilitar uma desestruturação das ordens definidas das coisas e, nesse processo, fazer uma reterritorialização e inventar novos caminhos. A lentidão, segunda característica fundamental do errante, é uma outra forma de apreender o espaço urbano, não diz respeito necessariamente a uma lentidão objetiva, mas a uma subjetiva, um cuidado, uma apreensão dos detalhes, uma demora. Sobre a incorporação, a autora fala que é a ação do corpo errante na cidade que volta marcado pela experiência e também possibilita uma incorporação do seu corpo ao concreto vivo da cidade.

Ainda segundo Jacques (2012, p. 20), “os errantes inventam outras possibilidades narrativas, outras formas de compartilhar a cidade” (JACQUES, 2012, p. 20), fazem uma narrativa menor, uma micronarrativa de resistência aos processos segregadores da cidade. Assim, atuam como pequenos pontos de luz que sobrevivem em meio aos holofotes do espaço urbano, como os vagalumes descritos por Didi-Huberman (2014), como seres que sobreviveram em meio ao excesso de luz, mas

---

para lhes enxergar precisamos aprender a olhar para as luzes sem ficar ofuscados, precisamos encontrar os vagalumes entre os excessos de luminosidade.

Neste sentido, o perder-se, o caminhar lento, o se deixar afetar foram definidos como características que deveriam estar presentes nas narrativas. O conto deveria ser escrito em primeira pessoa, as narrativas precisavam descrever os sons e ambientes escolhidos para as histórias.

Inicialmente, não queríamos que os contos definissem o gênero de Salomar e nem o bairro onde morava. Entretanto, as histórias eram profundamente localizadas e autobiográficas. Delory-Momberger (2012a) nos fala que somos espaço no espaço, ou seja, falamos a partir de um território, somos parte do espaço e o transformamos também. Neste sentido, ao escrever seus contos sobre Fortaleza, os estudantes falavam sobre eles na cidade, sobre seus medos, angústias, formas de habitar e resistir.

A riqueza das narrativas pediu uma reformulação das características de Salomar. Era necessário que esse personagem assumisse várias facetas, fosse mutante, mesmo que continuasse com as características do caminhar lento, da observação dos pormenores e de estranhar o familiar.

Criamos, assim, um personagem/verbo, como explicamos em um trecho do livro a seguir:

Era preciso uma palavra nova para uma ação tão inédita, não existia sinônimo possível para explicar a experiência de mergulho nas profundezas de Fortaleza. Por esse motivo, inventamos um verbo que só pode ser usado quando estivermos em pleno mergulho cidadão e a esse verbo demos o nome de Salomar (OLIVEIRA; CAMPOS, 2021, p.22)

Em cada conto, passou a ser possível “salomar” de uma forma própria, implicada e autobiográfica. Para as temáticas dos contos, delimitamos de acordo com os conteúdos abordados em sala de aula: estranhar a cidade, invisibilidade, polifonia, narrar a cidade e arte urbana. Para os contos ficarem em tamanhos proporcionais, delimitou-se que deviam ser escritos no mínimo 3.500 caracteres (com espaço) e, no máximo 10.000 caracteres.

### **3. O PROJETO GRÁFICO**

O processo de criação do projeto gráfico iniciou com uma reunião de apresentação do material escrito feita pela professora Alessandra Oliveira Araújo com a

---

equipe do Labotipo. Para a criação do projeto, nos apoiamos em Haslam (2007) ao falar que o livro é “um suporte portátil que consiste de uma série de páginas impressas e encadernadas que preserva, anuncia, expõe e transmite conhecimento ao público, ao longo do tempo e do espaço” (p. 9).

O autor (HASLAM, 2007) também esclarece que a produção do livro pode começar de várias formas, como citamos, no nosso caso o processo foi iniciado pela demanda da professora da disciplina. Nessa ocasião, discutimos qual seria a abordagem e conceituação visual a ser adotada. Cientes que o projeto gráfico também é narrativa, trouxemos elementos da cidade na sua composição. Decidimos trabalhar com elementos presentes nas edificações do bairro Praia de Iracema, em Fortaleza, fruto de um trabalho anterior, desenvolvido por Diego Paiva, gestor do Labotipo, e Moema Braga (PAIVA; BRAGA, 2016), que buscou realizar uma espécie de registro e catalogação desses elementos ornamentais: cobogós, grades, azulejos, etc.

Ao todo, quatro padronagens diferentes estão presentes ao longo do livro e são usados para diferenciar cada momento da história e vão se “sujando e deteriorando” à medida que o tempo da narrativa e a maresia avançam.

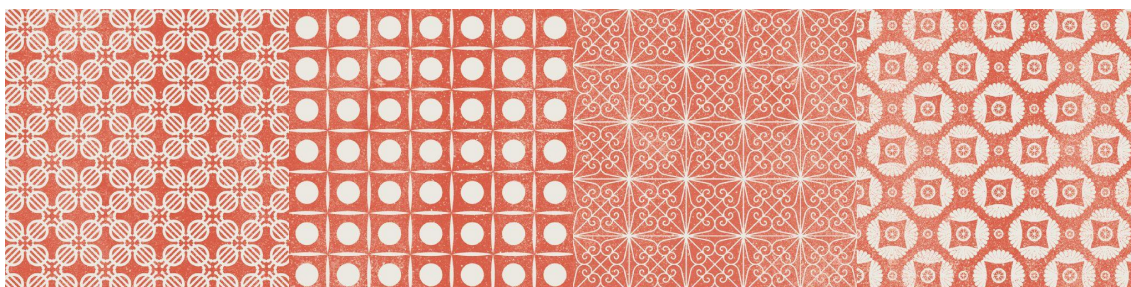


Figura 1: Padronagens. Fonte: Elaboração própria.



Figura 2: Abertura de capítulo e padronagem da unidade 1. Fonte: Elaboração própria.

Projetamos o livro pensando em viabilizar os custos de impressão, para isso tomamos as dimensões de 11 x 18 centímetros, contribuindo para um melhor aproveitamento da folha gráfica. Em concordância com o formato, trabalhamos com o uso de uma única cor (monocromia) Pantone (P 45-7 U). Esta escolha baseia-se na conceituação do projeto feita anteriormente, referenciamos o calor da cidade de Fortaleza e o barro por meio de uma cor avermelhada vibrante.

Nosso objetivo sempre foi o de trazer um conforto visual ao projeto. Para isto, elaboramos grades simétricas deslocadas ligeiramente às margens externas e ao topo, que respeitam a ordem de uma média de 45 caracteres de largura e 34 linhas de altura. Os fólhos estão presentes nos contos e são compostos, na ordem da margem externa (onde estão alinhados à borda) para interna, por: paginação, ilustração da unidade e nome do livro (à esquerda) ou do capítulo (à direita), diferenciando nas aberturas de capítulo onde o único elemento presente é a paginação centralizada.

A criação da capa, por sua vez, que também é impressa em monocromia, conta com ornamentos – que não estão presentes no miolo do livro, mas que faziam parte do projeto do original – formando um mosaico com o nome "Salomar" (Sal e Mar).

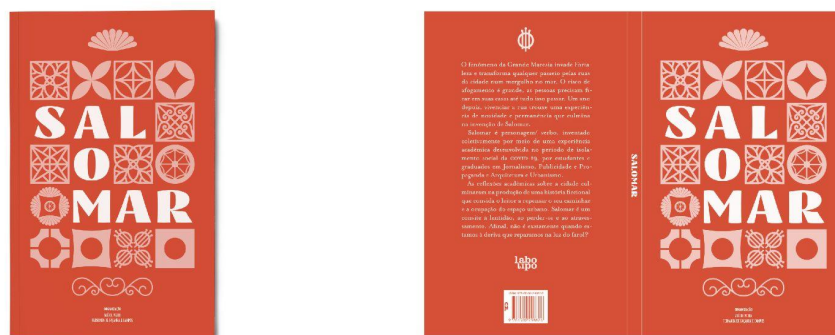


Figura 3: Capa. Fonte: Elaboração própria.

É importante salientar que o projeto gráfico foi pensado como conteúdo e fazia parte da composição da narrativa. Os elementos e a forma como eles mudam, ganhando gramatura e trazendo uma ideia de que incorporamos a cidade foi pensada também como elemento textual, como descreveremos no próximo tópico.

#### 4. O PROJETO EDITORIAL

Como explicamos no início do artigo, o processo de produção textual foi iniciado no segundo semestre de 2020, como uma atividade acadêmica da disciplina. Entretanto, o esforço de escrita, reescrita, concepção do projeto editorial e gráfico se estendeu para o primeiro semestre de 2021.

Dos vinte contos escritos na disciplina, doze integraram o livro final, com mais um outro escrito pela equipe do Labotipo, pois víamos como rica a experiência de construção textual para a equipe responsável pelo projeto gráfico, e um último foi escrito pela professora.

A escolha dos contos aconteceu de forma espontânea. Aqueles estudantes interessados e com disponibilidade para continuar trabalhando em seus textos após o período da disciplina, integraram o livro final. A professora e a mestre em comunicação na época Fernanda Campos fizeram o trabalho de acompanhamento editorial.

O processo se deu por meio de leituras, observações, sugestões de mudança e reescrita. O trabalho, mesmo que exaustivo, pois pedia muitos encontros remotos com



os autores, mesmo depois do período da disciplina, mostrou ser fundamental para que o livro tivesse um fluxo narrativo e a densidade pensada pelo projeto editorial.

Ao final, o livro ficou organizado em quatro blocos, de quatro contos cada (ver figura 05). Os contos sempre iniciam com um verbo - mergulhar, derivar, inventar, localizar e dialogar - que se repetem nos outros blocos, formando uma relação entre os contos de cada bloco e entre os blocos em si. Por exemplo, no primeiro bloco, os sentimentos de estar perdido e de encontrar algo na cidade trazem um diálogo entre as histórias. Já o terceiro bloco é pautado pelas invisibilidades, pessoas em situação de rua, que perfilam as margens cidadinas.



<p>03 MERGULHAR RIO <i>Luana Pinho Ribeiro de Castro</i></p> <p>31 DERIVAR FERRO OU NUNCA MAIS <i>Carolina de Aguiar e Campos</i></p> <p>35 INVENTAR MAPA <i>Luana Pinho Ribeiro de Castro</i></p> <p>39 LOCALIZAR TITEL <i>Rita Araújo Lima</i></p> <p>55 INVENTAR CARNAVAL <i>Daniel Vasconcelos, Diego Pinna &amp; Marcos Braga</i></p> <p>59 DERIVAR ONDE <i>Ana Julia Andrade Lima</i></p> <p>63 LOCALIZAR 76 – 21h <i>Thiago Torres Salgado Oliveira</i></p> <p>67 INVENTAR PRAÇA <i>Ally Oliveira</i></p>	<p>79 INVENTAR MARGEM <i>Helaine Aguiar Pinna Zucchi</i></p> <p>85 MERGULHAR RESERVATÓRIO <i>Luana Machado Torres</i></p> <p>93 DIALOGAR PASSADOS <i>Isadora Albuquerque Nunes</i></p> <p>99 DERIVAR EFECTOS <i>Isabel Aguiar de Araujo</i></p> <p>111 MERGULHAR MAR <i>Rita Araújo Lima</i></p> <p>119 LOCALIZAR 76GF*3P <i>Orlando Sales Invenções Mares</i></p> <p>123 INVENTAR CAMINHO <i>Silvia Rosalinda Ribeiro Pinna</i></p> <p>127 DERIVAR OCEANO <i>Ana Carolina Chaves Melo</i></p>
--	--

Figura 5: Sumário. Fonte: Elaboração própria.

A história paralela, sinalizada no sumário por meio de reticências, que inicia e conclui cada bloco, foi pensada após a organização dos contos. Ela traz um ritmo narrativo para a história, com elementos do realismo fantástico inspirados em García Márquez (2014).

Com o objetivo de contextualizar a proposta, descrevemos brevemente a história a seguir. Iniciamos apresentando um fenômeno climático que chamamos no livro de “Grande Maresia”. O fenômeno inundou a cidade com as águas do mar e colocou seus moradores em situação de isolamento.

Existe aqui uma relação clara com o contexto vivido no período de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19, mas a história do livro se passa após o período de isolamento. Nos interessava pensar em novas formas de experienciar a cidade, como seria estar na rua, o que teria mudado. Por este motivo, nossa escolha foi

---

trabalhar com a ficção para entender e complexificar as experiências que estávamos vivendo.

Após a “Grande Maresia”, as pessoas voltaram às ruas, mas algumas passaram a agir estranhamente. Essa forma de agir acabava incomodando, pois colocava em evidência um sem sentido das coisas. A pressa, a impessoalidade, a cidade como espetáculo e não como vivência é questionada pelo simples fato de um caminhar lento e implicado. Para este comportamento das pessoas afetadas pelo fenômeno, foi criado um novo verbo: "salomar".

A história vai se desenvolvendo neste embate entre tempos e formas de experienciar a cidade e os contos vão trazendo diferentes manifestações das pessoas que foram afetadas pela “Grande Maresia” e passaram a “salomar” na cidade.

As características específicas da cidade de Fortaleza vão ganhando forma e uma leitura crítica ao longo dos contos. Lugar de conflito, de disputa visual e de heterogeneidades, a rua é vista como um potencial criador que surge com a divergência, com a percepção de que as coisas estão fora da ordem. Wirth (1973) fala da necessidade de uma ordem para que seja possível habitar a cidade em sua heterogeneidade, mas, como discutido por Araújo (2017), os mecanismos de ordenação como os semáforos, as sinalizações e o sentido do fluxo, juntamente com os de controle como as instituições e as câmeras de vigilância, trazem uma estabilidade frágil, que é rompida o tempo todo em "Salomar".

Essa heterogeneidade da rua está presente nas narrativas dos diferentes autores, que vivenciam Fortaleza de uma forma muito particular. Uma cadeirante que tem o desafio de andar em ruas esburacadas, uma fotógrafa que registra uma casa antes da demolição, alguém que veio do interior e encontra uma conexão com sua terra no meio da cidade, alguém que se perdeu, alguém que encontrou o mar, outro que deseja partir e até um devorador de prédios. São múltiplas as formas de falar de Fortaleza nos contos, mas todas são perpassadas por um desejo de futuro de uma cidade mais inclusiva, mais dialógica, uma cidade do encontro e das praças, uma cidade que o livro pretende ajudar a construir.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo fez um relato da experiência acadêmica de produção de um livro ficcional na disciplina de Comunicação e Culturas Urbanas. A experiência foi pensada como uma forma de vivenciar a rua como campo de pesquisa e produção artística mesmo em um período de isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19.

Ao final, foi possível não só aprofundar os conceitos trabalhados na disciplina como também inventar uma forma de estar na rua por meio da memória e da ficção. “Havia em mim um desejo acumulado de devorar essa cidade, essa Fortaleza que a mim tanto devora” (OLIVEIRA; CAMPOS, 2021, p.120), podemos ler em um dos contos, mostrando a potência formadora da experiência de escrita e invenção da cidade para os autores.

A disciplina aconteceu integralmente em formato remoto, não foi possível fazer nenhum encontro presencial, mas a escrita trazia uma corporeidade, como falamos anteriormente, para a prática educativa, como se fosse possível conhecer e tocar as histórias, lugares e pessoas.

Um aspecto importante de destacar é que a disciplina era composta por estudantes de três cursos diferentes, que não se conheciam previamente, e que tiveram na experiência de invenção do livro "Salomar", uma forma de construção de pontes de comunicação entre eles.

No segundo semestre de 2021, cerca de um ano após o início da produção de "Salomar", foi possível lançar o livro em um evento presencial na Universidade de Fortaleza. O evento contou com a presença dos autores, muitos que se conheceram presencialmente na ocasião, seus familiares e convidados. O lançamento contou também com a participação da filha do músico falecido Belchior, Vannick Belchior, que cantou as músicas do pai, citadas ao longo do livro.



Figura 6: Lançamento do livro "Salomar". Fonte: Arquivo dos autores.

A experiência foi formadora para os estudantes, para a professora e também para a equipe responsável pelo projeto gráfico, extrapolou os limites de uma atividade acadêmica, possibilitou uma nova forma de vivenciar a cidade e resultou num livro que discute a cidade, mas que também é um manifesto para que Fortaleza seja nossa força e não mais a nossa prisão.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **Biograficidade: a arte urbana na formação de si e do espaço**. 296f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará. 2017.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. Tradução: Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **A condição biográfica: ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Tradução de Carlos Eduardo G. Braga, Maria da Conceição Passegi e Nelson Patriota. Natal-RN: EDUFRN, 2012a.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, vol. 17, no 51, p. 523-536. São Paulo, 2012b.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. Tradução: Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ufmg, 2014.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cem anos de solidão**. Tradução: Eric Nepomuceno. 82 ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II** – como criar e produzir livros. São Paulo: Edições Rosari Ltda, 2007.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de Vida e Formação**. Tradução: José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Alê; CAMPOS, Fernanda de Façanha (org.) **Salomar**. Labotipo: Fortaleza, 2021.

PAIVA, Diego Henrique Oliveira; BRAGA, Moema Mesquita da Silva. **PRAIA DE IRACEMA - UMA CORRIDA HISTÓRICA E VISUAL CONTRA O TEMPO**. In: Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. São Paulo, 2016.

WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida**. In: VELHO, Otávio G. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. Tradução Joaquim Nogueira Gil e Jorge de Sousa. **A mente corpórea: ciência cognitiva e experiência humana**. Lisboa: Instituto Piaget, 2012.